

O homem e o brejo: o determinismo geográfico em Lamego Filho

Ricardo Kassius

da Universidade Federal da Bahia
Salvador – Bahia – Brasil
ricardo.kassius@hotmail.com

Maria Auxiliadora da Silva

da Universidade Federal da Bahia
Salvador – Bahia – Brasil
ricardo.kassius@hotmail.com

Resumo: Este trabalho trata dos aspectos deterministas do pensamento de Alberto Ribeiro Lamego (Lamego Filho). Além de indicar os fundamentos da sua visão de mundo, o estudo da obra de Lamego Filho tornou-se uma oportunidade para o alcance de uma definição e para uma discussão acerca do determinismo — próprio dos debates científicos e epistemológicos, apanágios do século das luzes. Assim, versa-se sobre os aspectos da narrativa determinista de modo geral. Também, discute-se a presença do determinismo na geografia. E por último, as características da obra, suas peculiaridades e os fundamentos do seu entendimento da relação homem-meio. Para Heródoto, o Egito é uma dádiva do Nilo; em Lamego Filho, Campos do Goytacazes é uma graça concedida, pelo o Brejo, ao homem.

Palavras-chave: Determinismo. Geografia. Lamego Filho.

Introdução

Fazer história das ideias geográficas tem muito a ver com a busca do autoconhecimento. Conhecer a si mesmo, como cientista, através do itinerário da geografia é um caminho possível. Não se pretende, com isso, afirmar que os geógrafos são, integralmente, determinados pelo contexto. Sabemos que todo modo de expressão intelectual possui um dado contingencial, isto é, a própria individualidade e subjetividade do artista, do pensador, ou do filósofo... Tergiversa-se para afirmar que o “historiar” satisfaz, conjuntamente, as demandas da geografia e as necessidades existenciais do geógrafo, núcleo do processo. Assim, durante a realização desse trabalho, houve uma autodescoberta, semelhante àquela constatação de Basil Hallward, personagem de Oscar Wilde (2009, p. 14) — “A essa tela comuniquei muito de mim próprio”.

O trabalho trata dos aspectos deterministas do pensamento de Alberto Ribeiro Lamego (Lamego Filho). Não se contentando apenas em indicar os fundamentos da sua visão de mundo, o estudo acerca de Lamego Filho tornou-se uma oportunidade para o alcance de uma definição e para uma discussão acerca do determinismo — próprio dos debates científicos e epistemológicos, apanágios do século das luzes.

Sem presunção, este trabalho é um dos inúmeros passos elementares para a construção duma história do pensamento geográfico nacional, honesta e fidedigna. Milton Santos, Aziz Ab'Sáber, Carlos A. F. Monteiro e Manoel Correa de Andrade tiveram como mestres, além de Franceses, grandes professores como Aroldo de Azevedo, Delgado de Carvalho, Josué de Castro e muitos outros. Portanto, é premente o resgate dos trabalhos dessa geografia esquecida, ato formidável para aquele que se regozija ao escutar os antigos narrarem suas aventuras.

Que é determinismo?

Um discurso determinista é uma tese sobre a estrutura do universo, que afirma uma causalidade necessária, absoluta e exaustiva entre dois estados da natureza¹, com a pretensão de desdobrar-se numa infalível presciência² (AUGUSTO, 2013; RUSS, 1994; BRUGGER, 1953; PATY, 2004; CAMPOS, 2009; HOBBSAWM, 2013). É necessária, porque não é probabilística. É absoluta, porquanto é adversária do relativismo. Enfim, exaustiva, pois acontecerá enquanto e sempre que houver as condições adequadas para a sua manifestação, portanto, exaustivo no sentido de cíclico, repetitivo.

A partir dessa definição, entende-se que o discurso determinista está estruturado sobre quatro pilares: verdade, certeza, necessidade e ordem. Destarte, pode-se conceber o determinismo em duas dimensões, isto é, numa dimensão epistemológica e noutra ontológica. Isto porque tais noções são elaboradas e problematizadas no imenso fluxo de debates acerca das possibilidades do conhecimento sobre a origem, a estruturação e a natureza do cosmo.

¹ Dissecando o termo, filosoficamente, Augusto (2013, p. 26) propõe: "Deste modo o determinismo é uma tese sobre a estrutura do mundo que afirma a existência de um vínculo necessário, antecedente, único e exaustivo entre dois estados do mundo, isto é, de que um único estado do mundo antecedente está vinculado de forma necessária a um único estado do mundo consequente, no que diz respeito a todas as suas características. Esse vínculo entre estados do mundo pode ser postulado como causalidade e ser formulado como leis naturais; mas em si a causalidade e as leis não são idênticas ao determinismo".

² Segundo Hélio Silva Campos (2009, p.16), físico da Universidade Federal da Bahia, "desde o século XVII, a geração do conhecimento científico é balizada por regras causais e determinísticas as quais possibilitam programar o futuro no presente".

No determinismo, verdade e certeza estão, intrinsecamente, vinculadas. A verdade é tomada como a correspondência entre o discurso e a realidade. A certeza é um estado de espírito sob estas condições, a própria ausência da dúvida, “a clareza”. A verdade sempre existirá, como potência, independente da certeza (o acontecimento da verdade). Esta é uma resultante de condições da realidade (subjéctiva e objectiva) que possibilitam a revelação da verdade. Assim, não se discute sobre a verdade, mas sobre possibilidade da certeza. A certeza é um instante pós-revelação³.

Ao se estabelecer um vínculo causal entre duas circunstâncias do mundo, almeja-se uma lei. Esta é uma “relação invariável, constante e mensurável, entre os fenómenos” (DUROZOI & ROUSSEL, 1996, p. 281), portanto, uma proposição com grande poder de determinação e explicação. O *status* de lei se alcança, no discurso determinista, após o acontecer da certeza, isto é, a ausência justificável de dúvidas (BLACKBURN, 1997). Por esse motivo, o cientista determinista, para sustentar seu castelo intelectual, aposta ortodoxamente que pode levar as noções de verdade e certeza aos seus últimos desdobramentos.

Contudo, o determinismo exige um pouco mais: além da ausência justificável da dúvida, isto é, da presença dum conhecimento exato e profundo dos fenómenos que serão vinculados numa relação causal ($\gamma \rightarrow \pi$)⁴, é preciso que tal vínculo seja necessário, uma aritmética inexorável. A inexistência de liberdade, a negação da probabilidade⁵ e do acaso. A necessidade é a superioridade implacável de uma determinante γ perante múltiplas outras possíveis. Uma relação necessária é um fluxo unilateral entre a causa e o efeito, o que dota alguma variável γ (elevada à condição de causa) de uma supremacia para que uma relação determinista ($\gamma \leftrightarrow \pi$)⁶ seja erigida.

A crença na verdade, a instituição da certeza e a defesa da existência de uma ligação necessária entre os elementos constituintes do universo material, atesta o homem como um ser dotado da capacidade de estabelecer a ordem, a moralização da natureza. O *telos* oculto de todo o discurso determinista é aquisição do controle daquilo que se apresenta à inteligência

³ Normalmente, aqueles que defendiam o determinismo e seus vários gêneros eram empiristas. Todavia, o que alguns empiristas deterministas e alguns filósofos espiritualistas têm em comum é o fato de acreditarem na ‘verdade’ como uma espécie de pressuposto para os exercícios filosófico e científico. “Assim, a única questão era a do erro” (CHÂTELET, 1994, p. 93).

⁴ Se γ existir, então π , também, existe; se γ não existir, então, nada é dito sobre π , ou, π não está em evidência.

⁵ Um importante trecho atesta as reações enérgicas apresentadas por muitos cientistas da física clássica diante da probabilidade: “en tanto que todos los grandes maestros de la época clásica [...] proclamaron siempre que los fenómenos naturales estaban determinados y que la probabilidad [...] resultava de nuestra ignorancia o de nuestra incapacidad de seguir un determinismo demasiado complicado, em la interpretacion actualmente admitida de la física cuantica nos hallamos ante la ‘probabilidad pura’ que no es resultado de uno aculto determinismo” (BROGLIE, 1967 apud FOUQUIÉ; SAINT-JEAN, 1967).

⁶ π existe se, somente, se γ existir; sse.

humana como indomável — tal era a intenção de Francis Bacon, um dos idealizadores da ciência moderna —; normatizar, ou melhor, por ordem, enquadrar os fenômenos sob um emaranhado de normas geometricamente claras e logicamente coerentes, tornando-os menos assustadores ou menos desmoralizadores, visto que a alma humana se agoniza diante da impossibilidade do conhecimento (leia-se: poder). A lei da gravitação universal é arauto dessa *superepistême* (GOMES, 1996) proclamada por Laplace⁷ como a sabedoria sobre os fatos do passado, do presente e do porvir. Essa ciência racional e determinista, oráculo da verdade, da fatalidade e da ordem, possui um objetivo explícito de forçar o cosmo a depor contra ou a favor de si mesmo.

Neste sentido, concorda-se com Popper (1988, p. 27), para quem:

A ideia fundamental que subjaz ao determinismo é a de que a estrutura do mundo é tal que qualquer acontecimento do mundo pode em princípio ser racionalmente calculado antecipadamente, bastando que para isso conheçamos as leis da natureza e o estado presente ou passado do mundo.

A citação de Popper possibilita o contato com a epistemologia do determinismo. Como um saber prognóstico, o determinismo defende a capacidade do ser humano de alcançar a verdade e a certeza. O conhecimento advém dos métodos que têm a análise e a síntese explicativa como procedimentos estruturantes. Neste processo, os espíritos alcançam o domínio das leis naturais e a chave da sua evolução. O valor de tudo isso está na impulsão que é dada ao homem rumo ao seu progresso. Impulso criticável, visto que não fora acompanhado de um desenvolvimento moral.

Sublinha, também, a dimensão ontológica do discurso determinista. O que está em questão é o vínculo essencial entre dois estados do mundo. Exemplo: toda a manifestação de 'Ā' é antecedida pela existência de 'ā'; neste caso, a essência de 'ā' encerra as possibilidades para a emergência de 'Ā'. Há um vínculo existencial entre ambos. A culminância: a conquista do conhecimento exato sobre a natureza do primeiro, possibilita uma presciência a respeito da natureza do segundo.

Posto que seja possível o conhecimento profundo e detalhado de um dado estado da natureza, o discurso determinista alcança seu suprassumo ao considerar esse estado como profundamente enraizado em um encadeamento causal necessário, isto é, como um corolário lógico e histórico de eventos pretéritos ou atuantes. Não há nada no universo, segundo uma

⁷ A seguinte citação é a mais completa que, indiretamente, alcançamos. Em Laplace: "Debemos contemplar el estado actual del universo como efecto de su estado anterior, y como causa del siguiente. Una inteligencia que en un instante dado conociera todas las fuerzas que animan la naturaleza y la situación respectiva de los seres que la componen, si fuera además suficientemente vasta como para someter a análisis sus datos, acogería en la misma fórmula el movimiento de los mayores cuerpos del universo y los del tomo más ligero: nada sería incierto para ella y tanto el porvenir como el pasado estarían presentes ante sus ojos" (apud DALMEDICO, 1989, p. 1).

mente determinista, que não esteja subordinado a uma sequência ontológica, inclusive, a pródiga vontade humana.

Algumas considerações sobre o Determinismo e a Geografia

Vitorino Magalhães Godinho (MARTINS, 1921, p. 4), em uma nota ao prefácio de Fernandes Martins, escrito para uma tradução dos “Princípios de Geografia Humana” de Paul Vidal de La Blache, se expressa da seguinte maneira:

Esta expressão, generalizada entre os geógrafos, carece de propriedade [...] É evidente que este ‘determinismo geográfico’ nada tem que ver com o que em filosofia e ciência se designa por determinismo, nem a crise, ou melhor, o desmoronamento definitivo do primeiro contribuiu do que quer que fosse ou tem sequer qualquer relação com a tão discutida crise do segundo.

As palavras do Senhor Godinho são equivocadas. A geografia, como uma ciência teórico-empírica, não está em um universo isolado. Temos o conhecimento, por via de Paul Claval (1974), Milton Santos (2004) e Paulo Cesar da Costa Gomes (1996), e do próprio Paul Vidal de La Blache (1892) ⁸, que nossos mais notáveis e mais notados precursores foram grandes leitores das literaturas científica e filosófica de suas épocas. Através disso, não devemos nos espantar quando constatamos desdobramentos dos debates filosóficos e científicos do século XX nos trabalhos dos nossos geógrafos. Um texto de geografia teórica-quantitativa é inconfundível por sua linguagem; todavia, só se alcança um entendimento profundo do movimento da nova geografia quando se iniciam as leituras das obras produzidas pelo Circulo de Viena. Quem já teve a oportunidade de ouvir um geógrafo afeito à nova geografia, pode sentir quão representativa é, para ele, a presença de um Karl Popper.

O determinismo geográfico é um desdobramento perigoso do caráter determinista da ciência do século XIX. “O determinismo científico tomou formas múltiplas e é, portanto, difícil falar de um determinismo único na ciência” (GOMES, 1996, p. 175). Enquanto na geografia fala-se de determinismo geográfico ou ambientalismo, na história tem-se o determinismo histórico e na comunicação social desponta-se o determinismo tecnológico.

Acima, tentou-se definir, em termos gerais, o determinismo. Mostrar-se-á como tal definição é uma formula bem aplicável a um caso específico. O *determinismo geográfico* é um discurso sobre a natureza do espaço (ou da sociedade), que afirma uma causalidade necessária,

⁸ Segundo Paul Vidal de La Blache (1892, p. 33), “Mais quant à l'action exercée sur la géographie par le mouvement extérieur des idées ou des decourverts, c'est un fait qui ne saurait en aucune façon surprendre”.

antecedente, única e exaustiva entre o meio geográfico e um agrupamento social, com a pretensão de desdobrar-se numa infalível presciência. Assim, fatores como o clima, a vegetação, a hidrografia e a geomorfologia seriam determinantes na construção de uma formação social. Como exemplo, eis Michelet (apud SODRÉ, 1976, p.10):

Sim, senhores, deem-me a carta de um país, sua configuração, seu clima, suas águas, seus ventos e toda a sua geografia física; deem-me suas produções naturais, sua flora, sua zoologia, e eu me encarrego de vos dizer a priori que será o homem desse país, e que papel esse país desempenhará na História, não acidentalmente, mas necessariamente; não em tal época, mas em todas; o papel, enfim, que ele está chamado a representar!

O que torna a fala de Michelet interessante é a possibilidade, que ela adverte, de deduzir o caráter dos habitantes de qualquer país, somente, tendo em mãos os conhecimentos do meio físico. Trata-se da vontade de uma visão prospectiva que se enquadra perfeitamente em um dos aspectos da definição aqui proposta.

Mais interessante é saber que Michelet não foi o primeiro a elaborar teses do tipo. A este respeito, estamos em perfeito acordo com Paulo Cesar da Costa Gomes (1996, p. 175), para quem “o determinismo é talvez tão antigo quanto à faculdade de Refletir”. Na geografia, por exemplo, ele possui seu ponto de raiz em Heródoto (1950, p. 136), para quem “todo homem sensato [...] notará, visitando o país, ser o Egito uma terra nova e um presente do Nilo”.

Nelson Werneck Sodré, para seu importante livro “Introdução à Geografia: geografia e ideologia”, reservou um precioso capítulo sobre a evolução das ideias deterministas na história das ciências. Ele, juntamente, com Paulo Cesar da Costa Gomes e Roberto Schmidt de Almeida estão de acordo quanto à antiguidade do discurso determinista e todos se reportam a Hipócrates como um dos precursores das ideias deterministas no campo de estudo que futuramente pertenceria à geografia. A relevância dos textos dessas genialidades está no papel que eles cumprem de informar a comunidade de geógrafos que o determinismo geográfico não nasce na geografia. Considerar o determinismo natural como algo excepcional às ciências geográficas, da maneira do Senhor Godinho, é o mesmo que passar uma borracha, desconsiderar as páginas de Jean Bodin e de Montesquieu. Aquele que tomasse coragem para empreender a história da presença do determinismo ambiental nas ideias sociais veria que as páginas de Ratzel não representaria mais do que um capítulo dessa empreitada.

A geografia determinista é um capítulo da ciência moderna carente de meditações. Ela foi um grande esforço de moralização do turbilhão e da diversidade de fenômenos que constitui o espaço ou um esforço de por ordem ao caos, de dominar. O caos é o que se encontra na margem oposta à cosmovisão da classe dominante do Norte. Somente a ela o determinismo geográfico serviu. Essa geografia foi uma exegese para o poder, como todo o conhecimento é

um sistema de interpretação para o benefício de alguém. Todavia, uma grande questão resta às calejadas *geointeligências*: o que ainda resta, no produto do labor científico, dessa geografia que foi esquecida para que com ela fossem olvidados nossos medos/erros?

Outra questão para o próximo minuto: o que há, em nós, que é ainda determinista?

O determinismo geográfico em Alberto Ribeiro Lamengo

Nos dias da publicação de “O Homem e o Brejo”, de Lamengo Filho, embora na Europa estivesse brotando os primeiros botões do movimento de renovação da geografia⁹, o cenário acadêmico nacional, no tocante à ciência geográfica, estava dominado pela Escola Tradicional Francesa. Fundavam-se inúmeros cursos de geografia, nas nascentes universidades brasileiras, com os auspícios de grandes mestres franceses como Pierre Deffontaines, Jean Tricart, Pierre Monbeig, Pierre George, Olivier Dolfus e outros grandes nomes. Todos ajudaram a erguer a geografia no Brasil, inspirando seus discentes (nossos atuais mestres) a construir uma geografia verdadeiramente brasileira (MONTEIRO, 1980).

Nesse cenário, as monografias regionais possuíam um grande apreço. Inclusive, levando-se em consideração que nesse período o Brasil carecia de conhecimentos desta espécie, esses trabalhos possuíam seu valor real duplicado.

Então, a publicação de “O Homem e o Brejo” acontece num quadro de convergência entre a predominância da geografia francesa e o afã por conhecimentos de natureza geográfica. Isto pode ser comprovado nas falas de José Sérgio Gabrielli de Azevedo¹⁰, Eduardo Pereira Nunes¹¹ e Christovam Leite de Castro¹². Os dois primeiros, na apresentação à atual edição do Livro, e o segundo, na apresentação da primeira edição do mesmo volume. Segundo Azevedo & Nunes (2007, p. 4), “sua publicação foi decidida pela Assembleia do CNG, em 1941, para inaugurar a série **Biblioteca Geográfica Brasileira**, instituída nesta mesma data com o propósito de divulgar estudos regionais do Brasil, nos seus variados aspectos”. E Castro (2007, p. 7) adverte: “É que o progresso da Geografia pátria depende fundamentalmente da intensificação dos esforços dos nossos pesquisadores na elaboração de monografias sobre as

⁹ Os primeiros textos que reclamavam uma nova orientação para a geografia, na Europa, foram publicados entre as décadas de 1940 e 1950.

¹⁰ José Sérgio Gabrielli de Azevedo, na época da publicação da atual edição, era o Presidente da Petrobras.

¹¹ Eduardo Pereira Nunes, na época da publicação da atual edição de “O Homem e o Brejo”, era o presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

¹² Na época da publicação da primeira edição de “O Homem e o Brejo”, Christovam Leite de Castro era o Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia.

diversas regiões brasileiras, de acordo com os métodos geográficos modernos”. O moderno, neste trecho, possui o mesmo significado atribuído por Josué de Castro (1992, p. 34) no prefácio ao seu majestoso “Geografia da Fome”:

Único método que, a nosso ver, permite estudar o problema em sua realidade total, sem arrebentar-lhe as raízes que o ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos. Não o método descritivo da antiga geografia, mas o método interpretativo da moderna geografia, que se corporificou dentro dos pensamentos fecundos de Ritter, Humboldt, Jean Brunhes, Vidal de La Blache, Griffith Taylor e tantos outros.

Moderno, portanto, era o que estava em vigor, isto é, a geografia clássica ou tradicional.

Segundo o Mestre Aroldo de Azevedo (1957, p. 9), uma monografia regional era composta pelos seguintes planos:

Introdução. Relevo: características gerais, suas relações, sua representação. *A Estrutura Geológica. Clima:* instrumental e coleta de dados, as observações, conclusões. *O solo. Vegetação. Hidrografia:* fontes, cursos, d’água, lagoas e pântanos, aproveitamento das águas, a água como alimento. *A população:* os habitantes e seus característicos, repartição da população, origens do povoamento, o habitat rural. *O povoado ou a vila:* o nome, o sitio urbano, o plano ou a planta, características gerais, os quarteirões. *A agricultura:* condições gerais, a propriedade rural, sistemas de cultura, as culturas, a criação. *As indústrias:* o passado, o presente. *O comercio. Os transportes:* caminhos e estradas de rodagem, estradas de ferro, navegação. Conclusões.

Como é possível observar, em um estudo regional era imprescindível um conhecimento aprofundado do meio geográfico onde a região estava assentada. Com base nas palavras de Lencioni (2009), tal concepção está em harmonia com a perspectiva lablachiana, onde a monografia regional deveria conter uma análise minuciosa do meio físico, dos modos de ocupação, das atividades humanas e de como o homem se enquadra na natureza. O estudo aprofundado do meio físico se fazia necessário porque o homem era visto em plena unidade com a natureza. A Professora Lencioni (2009, p. 105) acrescenta: “o olhar sobre a natureza deveria conter uma perspectiva histórica na análise da relação homem e meio”. Tal relação era vista como indissolúvel, embora faltasse a complexidade que lhe seria atribuída pelas correntes de pensamento procedentes. Enfim, “a monografia regional deveria estabelecer a integração dos elementos físicos e sociais e acrescentar uma visão sintética da região” (LENCIONI, 2009, p.105). Por esse motivo, a monografia regional também era vista como uma possível solução à proeminente dicotomia entre geografia física e geografia humana, mas, isso é um assunto para outro momento.

Destarte, o livro “O Homem e o Brejo” é um exímio exemplo de uma monografia regional. Trata-se de um escrito com grau de erudição de quem verdadeiramente domina as normas cultas da língua portuguesa. O seu caráter descritivo, típico do positivismo, é

enriquecido por sua linguagem poética. Eis um emblema da época em que se fazia geografia com poesia¹³ (DE OLIVEIRA, 2015). É tão minuciosa sua descrição da paisagem que, qualquer leitor apaixonado, poderia viajar através do túnel do espaço-tempo¹⁴.

O livro foi publicado em 1945, na cidade do Rio de Janeiro, pelo extinto Conselho Nacional de Geografia, inaugurando a Biblioteca Brasileira de Geografia. A primeira edição possuía cento e noventa e nove páginas, incluído uma seleção de imagens aerofotogramétricas, mapas históricos, fotos paisagísticas, além de quadros e fotos dos primeiros habitantes do rincão minuciosamente estudado por esse gênio.

A obra está dividida em três secções: a terra, o homem e a cultura. Na primeira secção, o autor realiza um minudencioso exame dos caracteres geoambientais da região de Campos, com o sobressaio da geologia, da pedologia e da geomorfologia. Tangente ao homem, o cientista traça física e psicologicamente os colonizadores da terra (índios, portugueses e brasileiros), inclusive, com um lindo capítulo sobre a história da ocupação da terra. A respeito da cultura, Lamego Filho analisa a relação entre o meio e o homem; expõe à luz, analiticamente, as especificidades das relações entre o brejo e o índio, o brejo e o português, o brejo e o lavrador, o brejo e o vaqueiro, além de discorrer sobre a casa, a família, a cidade, os transportes, as comunicações, o saneamento e o socioeconômico. Em todos os capítulos e subcapítulos, Alberto Ribeiro Lamego assinala as determinações do brejo sobre a fisiologia e a psicologia do habitante campense.

O livro é uma mistura de ciência, arte, anseios e patriotismo. Diante do avassalo ufanista, eugênico e egocêntrico dos germânicos partidários de Hitler, que pregavam a superioridade da raça ariana, dos povos do norte em relação aos povos do sul, “O Homem e o Brejo” possui um intento quase dissimulado: mostrar que no meio geográfico dos trópicos também corriam águas vitalizadas e eclodia uma civilização promissora. Com isso, Lamego Filho se coloca como um pequeno capítulo, mas indispensável, para uma história das ideias geográficas brasileiras.

O plano do livro é de matriz francesa, mas o conteúdo da obra guarda certa originalidade em relação às demais do mesmo gênero. O autor trilha caminhos que Vidal de

¹³ Segundo De Oliveira (2015, p.23), “a arte sempre esteve na geografia, ou melhor, ser artista era uma espécie de pré-requisito para ser geógrafo. O eclipse da razão erótica – o esmorecimento do senso que nos impele a encarar a produção do saber com amor, em prol da felicidade –, a instrumentalização e a ascensão da razão instrumental, da era tecnicista ceifaram-nos a veia artística”.

¹⁴ Coincidentemente, esta mesma característica foi notada por Álano Barcelos (1999, p. 32): “Observa-se na obra de Lamego que ele conhecia bem a língua portuguesa e seus recursos. Revela-se um conhecedor dos nossos clássicos, mas, homem do seu tempo assimilou o estilo moderno. Como se pode notar nos seus períodos curtos, valorização dos substantivos, emprego de frases nominais, pontuação caracterizada pelo ponto final, economia de adjetivos”.

La Blache e seus discípulos não trilhariam¹⁵, isto é, a via do “determinismo ingênuo”. La Blache não menospreza os ditames do meio físico, mas dota o ser humano de força equivalente quando o considera um fator geográfico (LA BLACHE, 1946), isto é, um fator de modificação e transformação da superfície terrestre. Algo que desperta o interesse de Vidal da La Blache é a questão das técnicas, isto é, as maneiras que o homem encontrou para subverter as hostilidades do meio. Em Lamego Filho, as técnicas não são menosprezadas, mas são consideradas desdobramentos de uma seleção natural.

Eis outro aspecto. O determinismo geográfico, ou geológico, em Lamego Filho, é substanciado por uma espécie de darwinismo. São inúmeras as passagens no seu texto onde o autor se reporta ao processo de ocupação do Brejo dos Goytacazes como um processo de seleção. Em resumo, por terem seus caracteres determinados pelo meio, os habitantes do brejo foram conformados para a construção de uma civilização promissora — a sociedade de Campos dos Goytacazes.

Deste modo, Alberto Ribeiro Lamego, em “O Homem e o Brejo”, desvia-se da matriz determinante em sua geração. Isto se deve, em parte, à sua afeição a pensadores brasileiros integrantes da Escola do Recife que, por sua vez, era filiada à Escola de Le Play. Entre eles estava Silvio Romero, Oliveira Viana, Euclides da Cunha, Gilberto Freire, Capistrano de Abreu, Sergio Buarque de Holanda, Alberto Torres e Roberto Simonser. Ambas as escolas, opostas ao positivismo de Augusto Comte e ao método sociológico de Durkheim, tinha em comum com a Escola Francesa de Geografia o gosto pela exposição monográfica; contudo, possuíam caracteres culturalistas, deterministas, darwinistas — apoiadas na filosofia de Herbert Spencer —, eugenistas e ufanistas (CARVALHO, 2002; VIANA, 2002). Criam que todas as sociedades são regidas pelas mesmas leis, enquanto La Blache admitia a existência de fatos contingentes. Destarte, embora as raízes do determinismo de Alberto Ribeiro Lamego se encontrem também na França, pelo menos em “O Homem e o brejo”, não há alguma relação entre ele e a geografia produzida na Universidade de Paris.

Em verdade, a fase determinista é uma curta passagem das aventuras de Lamego Filho como geógrafo. Trata-se do alvorecer da sua relação com a geografia, momento em que se deixa influenciar pelas brilhantes produções no campo da sociologia e da antropologia brasileiras. Nos trabalhos posteriores, entregar-se-á a Escola Francesa de Geografia, onde o determinismo cede espaço para uma ecologia sofisticada, típico de uma geografia lablachiana¹⁶.

¹⁵ É bem verdade que Vidal de La Blache se inspira em muitas ideias e categorias do pensamento de Ratzel (Veja MERCIER, 2009), o historicismo jamais o permitiria cair nas vias do determinismo ambiental.

¹⁶ Em “O Homem e a Restinga” (2007, p. 103), Lamego Filho assim se expressa: “Até o presente, a evolução histórica da humanidade resumiu-se na conquista da terra pelo homem, e é forçosamente ao indivíduo que Monbeig se refere, a esse homem que, como agente geográfico, da mesma forma que os fenômenos físicos,

Suas convicções acerca da influência dos componentes geológicos e pedológicos sobre os destinos dos homens são de uma intensidade tal que, em um breve momento do primeiro capítulo do livro, ele chega a qualificar a geologia de “a alma da geografia”, e acrescenta: “Porque o determinismo geográfico resulta de um determinismo geológico, que procede e lhe dá um pano geral definitivo, impondo às forças erosivas condicionadas por influências climáticas, disciplina indesejável na feitura do relevo” (LAMEGO, [1945] 2007, p.4). Além de ser partidário de um determinismo ambiental, acreditava que tal relação “monocausal”¹⁷ entre a sociedade e o meio era fundamentada na geologia. Eis um fato original, porquanto as causalidades similares, como as encontradas em Montesquieu e outros filósofos, são em sua maioria orientadas pelo clima (SODRÉ, 1976).

Para Lamego Filho, a história da colonização dos Campos Goytacazes é a narrativa da saga de um grupo humano na busca de se adaptar a um meio hostil. O grupo foi selecionado entre muitos para colonizar aquela terra selvagem (LAMEGO, [1945] 2007). Destarte, para um entendimento sistemático da história da ocupação do Brejo dos Goytacazes, é premente um estudo profundo dos elementos naturais componentes da configuração territorial daquela região. Assim, coloca-se o autor: “Qualquer estudo sobre a evolução histórico-social de um grupo humano deve ter por base o meio telúrico, com suas imposições seletivas, suas diferenciações de atividades, seu refreamento à diretrizes inadaptáveis” (LAMEGO, [1945] 2007, p.4). Analisando esta citação, percebe-se, claramente, a influência da Escola de Le Play através da obrigatoriedade da antecedência dos estudos geomorfológicos, geológicos, climatobotânicos e hidrológicos para a análise de qualquer sociedade, um desdobramento da doutrina que considerava todas as formações sociais regidas pelas mesmas leis. Todavia, o partir-se do meio físico não é uma característica excepcional em relação aos demais geógrafos da idade clássica da geografia brasileira. O que entra em discussão é o valor que se atribui a esse fator.

Alguns poderiam dizer: Friedrich Ratzel asseverava o papel do solo na constituição do Estado e das instâncias inferiores. Sim, mas o solo em Ratzel, ou o “Boden”, deve ser traduzido como terreno, não como um composto constituído de matéria orgânica e inorgânica resultante dos processos de intemperismo físico, químico, erosão, lixiviação, halitização, translocação de argila etc. Portanto, o caso Ratzel é muito mais complexo¹⁸.

pelo seu trabalho e sua engenhosidade ele revolveu a maior parte das paisagens naturais do globo e modelou aspectos novos num cenário primitivo”.

¹⁷ ($\gamma \leftrightarrow \pi$) veja a nota nº 7.

¹⁸ Analisando-se o emprego do termo ‘solo’ em Ratzel, percebe-se que ele encerra uma complexidade. Era equivalente ao substrato que sustenta as obras e a riqueza dos homens; palco da sociedade; fator espacial; território; anteparo sem o qual o homem não proveria sua existência. O Solo é o composto formado de elementos orgânicos e inorgânicos e tudo que sobre ele e nele se encontra. O Solo é recurso e cultura. Exemplo:

Então, não podemos atribuir a originalidade da concepção determinista de Lamego Filho a uma possível filiação para com Ratzel. Como já foi considerado, o determinismo ambiental no Brasil foi muito influenciado pela escola de Le Play. Por impeditivos de natureza linguística e ideológica, a obra de Ratzel é pouco estudada no Brasil. Além de não estar traduzida em sua inteireza, poucos são os estudiosos que dominam a língua alemã. Também, o Geógrafo alemão se encontra em um horizonte ideológico um pouco distante das perspectivas acadêmicas brasileiras, profundamente, influenciadas pela Escola Francesa¹⁹ (MOREIRA, 2013). A opção pelo determinismo também é um corolário do seu processo formativo. Sendo naturalista, Lamego Filho é um herdeiro da ciência do século XIX, positivista e determinista. Também, é evidente seu contato com cientistas e pensadores de sua época, afeitos às interpretações monocausalísticas e às análises que desembocavam na constatação de “tipos”, a exemplo de Oliveira Viana.

A tese lameguiana atribui relevância ao papel do solo e da geologia no surgimento da estrutura fundiária campense. Assim:

Todas as grandes repercussões econômicas e sociais, como adiante mostraremos, emanaram diretamente desse barro que enterrou o velho delta, dividiu naturalmente a gleba em um sem números de lagoas, insinuando a partilha da terra em propriedades médias e pequenas, incentivou lutas tremendas para essa divisão com o atrativo de um solo fertilíssimo e, paradoxalmente e ao mesmo tempo, conduziu toda essa plebe rural, eminentemente individualista, à grande monocultura que destrói a iniciativa particular (LAMEGO, [1945] 2007, p. 28).

Em outro momento, ele testifica:

Vemos, pois, numa exceção singular, uma região brasileira vantajosamente prosperar com o domínio da pequena propriedade em sua evolução econômico-social sob a indústria açucareira, quando esta justamente obriga todo o resto do litoral ao regime feudal dos grandes latifundiários.

Mais uma vez, a imposição do meio geográfico. O desmembramento natural da terra em faixas de terreno entre lagoas condiciona a dispersão do homem. A planície inteira é subdividida em numerosas faixas agrícolas, onde a aluvião cultivável por toda a parte se rodeia de águas paradas. A disseminação do brejo e da lagoa dificultando as comunicações do camponês onde a população tende a multiplicar-se, partilha providencialmente o solo para a cultura individual (LAMEGO, [1945] 2007, p. 103).

“... O Estado não é concebível sem território e sem fronteiras [...] o Estado não pode existir sem um solo” (RATZEL; 1983, p.93). Não somente o Estado, mas todas as instituições sociais, entre elas, a família, possuía um vínculo profundo com o solo. E asseverava: “não se pode entender nada a respeito do que ocorre se não for considerado o solo. Um povo regride quando perde território... E essa necessidade de proteger o solo que é a razão de ser do Estado” (RATZEL, 1983, p. 94-96). Destarte, como foi demonstrado, o termo ‘solo’ possui um significado que transcende a dimensão físico-química, detém um conteúdo econômico e sociopolítico.

¹⁹ Segundo os estudos de Souza (2016) e Guimarães (2006), houve um período da história da geografia no Brasil, final do século XIX até o final dos anos 1920, de forte influência da geografia alemã, em especial, sobre o círculo intelectual do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Assim, os estudos desses autores contrasta com as teses de Ruy Moreira. Abordaremos o assunto em trabalhos futuros.

Acerca do trecho supracitado, o livro reserva, ao leitor atento, um fato interessante. Ao fazer uma breve cronologia dos principais acontecimentos, lutas e revoltas que agitaram a sociedade campense, Lamego oferece dados suficientes para a construção de uma história baseada nos confrontos interclasse²⁰. Ao concluir a leitura da segunda parte do livro, não é dificultoso constatar que a pequena propriedade emergiu da vitória dos camponeses sobre a oligarquia latifundiária. Todavia, o autor opta por um determinismo de natureza histórico-geográfica. Histórica, porque conecta necessariamente o passado geológico a um passado histórico. Geográfica porque considera o presente como fruto de uma relação necessária entre meio e sociedade. Assim, considera:

Eis um caso singular de um determinismo geológico, impondo à história, pelas condições preexistentes na base física, uma inquebrantável orientação cultural, econômica e social. Um simples fenômeno geológico transformou em positivas as possibilidades negativas da civilização (LAMEGO, [1945] 2007, p.104).

Em verdade, o próprio Lamego Filho oferece dados para uma interpretação diversa. Se o homem conseguiu vencer as imposições do brejo, foi por força da técnica, seja ela rudimentar (no princípio) ou elaborada (nos séculos XIX e XX), não pela generosidade da Terra. E põe-se ingenuamente: “exemplos tão conspícuos como o de Campos, da completa subordinação de fenômenos sociais ao meio telúrico, não serão fáceis talvez de encontrar” (LAMEGO, [1945] 2007, p. 89).

Em Lamego Filho, o brejo também seria uma espécie de modelador moral, indutor de caráter, ou um fator de seleção natural. Isto está muito claro no seguinte trecho:

O brejo fica até hoje, através dos séculos, em constante desafio ao homem pertinaz, incitando-lhe a iniciativa, moldando-lhe os caracteres físicos e mesmos intelectuais e morais, no combate permanente e surdo com que a terra, erguendo obstáculo a serem subjugados, elege os povos dominadores, tiranicamente impelindo os candidatos ao triunfo ou à destruição (LAMEGO, [1945] 2007, p. 93).

Este trecho denota outra herança do século XIX presente na exímia monografia regional. Trata-se da eugenia, termo criado por Francis Galton, em 1883, significando ‘bem

²⁰ Karl Marx (2008, p.253), na “Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política”, desta maneira se expressa: “Se considerarmos as sociedades inteiras, a distribuição parece ainda, de outro ponto de vista, que precede e determina a produção; de certo modo, como um fato pré-econômico. Um povo vencedor reparte o país entre os conquistadores e impõem assim uma repartição e uma forma determinadas de propriedade territorial; determina, por conseguinte, a produção, ou seja, converte os homens conquistados em escravos e faz a produção repousar, assim, sobre trabalho de escravos. Ou então um povo, por meio de uma revolução, divide a grande propriedade territorial e dá um caráter novo à produção através dessa distribuição. Ou, então, a legislação perpetua a propriedade territorial nas grandes famílias, isto é, reparte o trabalho como um privilégio hereditário, fixando-o, desse modo, em castas”.

nascido'. Como foi dito, anteriormente, Lamego Filho, assim como muitos intelectuais de sua época, analisa as populações através da categoria 'tipos', pontuando suas potencialidades, qualidades e debilidades. Inclusive, atribui a rudeza aparente da 'gente' habitante do brejo à própria insalubridade do meio. Assim, "o meio físico copioso de possibilidades, mas aspérrimo de empecilhos, selecionou e preparou o homem para a luta, permitindo o despontar de grandes atributos hereditários numa fecunda população que vertiginosamente se multiplica" (LAMEGO, [1945] 2007, p.113). Tais atributos hereditários, segundo Lamego Filho, seriam: apetite por liberdade; desobediência; e pouca inclinação às letras e artes. "Não há que se esperarem primores de Cultura dessa gente. Tudo ali se restringe à conquista material da terra" (LAMEGO, [1945] 2007, p. 128). E expõe em outro instante:

É o meio que lhe plasma essa Alma. São todos os elementos geofísicos da paisagem, tão simples e ainda em seus grandes traços gerais, mas tão complexa e retalhada em sua emaranhada hidrografia de pauís, que seleciona os atributos combativos desse homem, encaminham e dirigem toda a sua história, conduzem-no pela atração de uma terra fertilíssima a lutar permanentemente pela sua posse. É por fim a mesma planície que, predestinada à indústria açucareira sempre iniciada no Brasil em grandes latifúndios, contraria as próprias normas sociais de nossa história econômica, e impõe, ativa e acelera, com seus fatores geológico-geográficos dispersivos, uma penetração eminentemente particularista, onde o traço se retrai amesquinhado, expulso aos encontros da massa de invasores forte e rude (LAMEGO, [1945] 2007, p. 138).

A partir dos trechos citados, seria possível apontar no livro "O Homem e o Brejo", uma influência do darwinismo e da concepção darwiniana da seleção natural. Como esse assunto é demasiado complexo, abordá-lo-emos em outro trabalho. Deixaremos aqui a seguinte constatação: "o trabalho de Lamego Filho é prenhe de desdobramentos".

Após todo esforço encadeado, pergunta-se sobre o enquadramento das ideias de Lamego Filho na definição de determinismo aqui alcançada. Se determinismo geográfico é uma relação causal necessária, absoluta entre o meio geográfico e a sociedade, concebe-se como positiva a exegese que qualifica de determinista a monografia regional de Lamego Filho. Através da nitidez dos fragmentos, afirma-se que a moral, a política, a economia e a vida intelectual da sociedade campense são desdobramentos de uma relação entre um "povo eleito" e um meio específico. Se, para Heródoto, o Egito é uma dádiva do Nilo, em Lamego Filho, Campos do Goytacazes é uma graça concedida, pelo do Brejo, ao homem.

Considerações finais

Segundo Gadamer (2008), a tarefa da hermenêutica é salvar o texto do sono eterno, do seu estado de alienação (a forma imóvel que ele assume na composição escrita) e levá-lo à

vitalidade do diálogo. Este trabalho é antes de tudo um resgate, porquanto se acredita que não há história das ideias fidedigna sem uma viagem pelos interstícios do pensamento científico. Pode parecer esdrúxulo, mas trabalhar com história e epistemologia das ciências é lutar contra os ácaros e as traças. Assim, reviveu-se, sob uma nova perspectiva, um capítulo da produção científica de Alberto Ribeiro Lamego. Demonstrou-se que a definição de determinismo alcançada se aplica ao livro “O Homem e o Brejo”, como pode ser aplicado a outros casos. Também, que o determinismo na geografia é um desdobramento da ciência do Século das Luzes. Constatou-se que os fundamentos do determinismo de Lamego Filho encontram-se em pensadores conservadores, vinculados a Escola de Recife, filial brasileira da Escola de La Play, afeita as interpretações ambientalistas. Enfim, adverte-se a riqueza contida na análise lameguiana da relação homem/meio e sua capacidade de despertar o leitor atento ao debate acerca de muitas questões pertinentes à geografia.

Man and the swamp: the geographical determinism in Lamego Filho

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the deterministic aspect of the Alberto Ribeiro Lamego (Lamego Filho)'s ideas. Besides, indicating the basis of his point of view, the study of the Lamego Filho's work became a great opportunity to reach a definition and a discussion concerning the determinism – part of scientific and epistemological debates, characteristic of the Enlightenment. Consequently, this paper regards to the aspect of the deterministic narrative in a general standpoint. In addition to that, it is discussed the presence of the determinism in the Geography and lastly, the characteristic of the Lamego Filho's work and its particularities and grounds of his understanding of the human being-environment relationship. For Herodotus, the Egypt is a godsend of the Nile; for Lamego Filho, Campos dos Goytacazes is a grace granted by the marsh to the human being.

Keywords: Determinism. Geography. Lamego Filho.

Referências

ABBAGNANO, N (Ed.). **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 287-289.

AZEVEDO, J. S. G.; NUNES, E. P. Apresentação. In: LAMEGO, A. R. **O homem e o brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

AUGUSTO, A. **O materialismo de Lukács e a crítica ao determinismo**. Disponível em: [http:// bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/augusto-o-materialismo-de-lukc3a1cs-e-a-critica-ao-determinismo.pdf](http://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/augusto-o-materialismo-de-lukc3a1cs-e-a-critica-ao-determinismo.pdf). Acesso em: 30 de abril de 2014.

AZEVEDO, A. **Monografias regionais**: planos sumários para pesquisas de caráter geográfico. São Paulo: Nacional, 1957.

BARCELOS, A. A linguagem de Alberto Ribeiro Lamego. **Vértices**. Rio de Janeiro, Ano 2, Ed. Especial, p. 37-38, 1999.

BLACKBURN, S (Ed.). **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRUGGER, W (Ed.). **Diccionario de filosofia**. Barcelona: Editora Herder, 1953.

CAMPOS, H. S. **Em busca do conhecimento**: sobre antigas lições, ciência moderna e energia sutil. Salvador: EDUFBA, 2009.

CASTRO, C. L. Prefácio. In: LAMEGO, A. R. **O homem e o brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

CASTRO, J. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

CARVALHO, J. M. **Introdução às Populações Meridionais do Brasil, Oliveira Viana**. In: *Interpretes do Brasil*. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2002.

CHÂTELET, F. **Uma história da razão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

CLAVAL, P. **La evolución de la geografía humana**. Barcelona: oikos-tau, s. a. – ediciones, 1974.

DALMEDICO, A. D. **El mundo de Laplace**: matemáticas, física e determinismo. *Ciencia y Cultura de Rousseau a Darwin – Actas Años XV e XVI – Encontros Educativos*. Canárias, v.1, n.1, p. 1-12, 2008.

DE OLIVEIRA, R.K.P. **Messe de amor e dedicação**. In: SILVA, M. A. *Milton Santos: gerando inspirações literárias*. Salvador: EDUFBA, 2015.

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A (Eds.). **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora Papyrus, 1996.

FOULQUIÉ, P.; SAINT-JEAN, R. **Diccionario del lenguaje filosófico**. Barcelona: Editorial Labor, S.A, 1967.

GADAMER, H. **Verdade e método**, v.1 e 2. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

GUIMARÃES, L. M. P. **Da Escola Palatina ao Silogeu**: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro. Ed. Museu da República, 2006.

GOMES, P. C.C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HERÓDOTO. **História**. Rio de Janeiro: Clássicos Jackson, W. M. Jackson Inc, 1950.

HOBSBAWM, E. **Sobre história**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LA BLACHE, P. V. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Edições Cosmos, 1946.

_____. Récents travaux sur la géographie de la France. **Annales de Géographie**. Paris, t.1, n.1, pp. 32-52, 1892.

LAMEGO, A. R. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

_____. **O Homem e a Restinga**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 2009.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARTINS, F. Prefácio. In: LA BLACHE, P. V. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Edições Cosmos, 1946.

MERCIER, G. **A região e o Estado segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache**. **GEOgrafia**, v. 11, n.22, p. 7-36, 2009.

MONTEIRO, C. A. F. **A geografia no Brasil (1934 – 1977): avaliação e tendências**. São Paulo: IGEOG/USP, 1980.

MORA, J. F (Ed.). **Dicionario de filosofia**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1969.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 121.

PATY, M. A noção de determinismo na física e seus limites. **Scientiae Studia**. São Paulo, v. 2, n. 4, p. 465-92, 2004.

POPPER, K. R. **O universo aberto: Argumentos a favor do indeterminismo** (N. F. da Fonseca, trad.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

PORTO, Carlos. **Para além da crise de paradigmas: a ciência em seu contexto**. Universidade e Sociedade. Brasília, ano XXI, n. 49, p. 10-23, janeiro/2012.

RATZEL, F. O solo, a sociedade e o estado. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, São Paulo, v.2, n-, 93-101, 1993.

RUSS, Jacqueline (Ed.). **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SILVER, Brian. **A escalada da ciência**. Florianópolis: EDUFSC, 2008.

SODRÉ, N. W. **Introdução a geografia: geografia e ideologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

SOUZA, A. N. **Percorso histórico do campo disciplinar Geográfico na Bahia e em São Paulo: contribuições da Universidade Federal da Bahia e da Universidade de São Paulo**. 2016.

250 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

VIANA, O. **Populações meridionais do Brasil:** populações rurais do centro sul. In: *Interpretes do Brasil*. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2002.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

SOBRE OS AUTORES

RICARDO KASSIUS - Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia; mestrando no programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEO), da UFBA; pesquisador do Grupo Produção do Espaço Urbano.

MARIA AUXILIADORA DA SILVA - Professora associada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEO), da UFBA; coordenadora do Grupo Produção do Espaço Urbano.

Recebido para avaliação em outubro de 2016

Aceito para publicação em novembro de 2016